Sovando a massa: aprendizados possibilidades e apostas

Phillipe Augusto Ferreira Rodrigues
Luciana da Silva Rodriguez
Caroline Niquini de Assis
Raquel de Lima Soeiro
Jorginete de Jesus Damião
Juliana Pereira Casemiro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RODRIGUES, P. A. F., RODRIGUEZ, L. S., ASSIS, C. N., SOEIRO, R. L., DAMIÃO, J. J., and CASEMIRO, J. P. Sovando a massa: aprendizados possibilidades e apostas. In: *Sistematização de experiências de trabalho com grupos nos Centros de Referência em Obesidade/RJ* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2020, pp. 33-38. ISBN: 978-65-87949-15-4.
<https://doi.org/10.7476/9786587949154.0006>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Sovando a massa: aprendizados possibilidades e apostas

Um dos grandes desafios iniciais da formação desse novo serviço foi o desenvolvimento das relações entre as diferentes disciplinas que o compõem. Entende-se aqui disciplina como as diferentes formas e conjuntos de conhecimentos representados pelas categorias profissionais. Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade são as diferentes formas dessas disciplinas se relacionarem, e a compreensão dessas relações é de grande importância para o desenvolvimento do trabalho em grupo dos profissionais, para os grupos e com os usuários.

A multidisciplinaridade remonta às ideias cartesianas de que o conhecimento pode ser analisado em partes, ou seja, isoladamente, a partir das disciplinas. Assim, a relação entre elas para a compreensão de um determinado problema se dá a partir da visão única pelo recorte epistemológico de cada uma (Martinazzo e Cherobini, 2014). Para melhor entendimento, é possível ilustrar – como uma vivência multidisciplinar do CRO – o momento em que o usuário é atendido individualmente por cada profissional. Assim, de maneira particular, os profissionais relatam em prontuário o problema a partir da perspectiva de sua disciplina. Nesse momento, quem circula é o sujeito entre as disciplinas. Estas, por sua vez, estão fechadas em seus conteúdos e normas. Essa forma de relação disciplinar é reconhecida como insuficiente para lidar a

fragmentação e, apesar de ser considerada como um avanço, pouco tem a contribuir para uma visão global de determinado problema (Martinazzo e Cherobini, 2014).

Por sua vez, a interdisciplinaridade se apresenta como uma forma de relação mais aberta e menos engessada entre as disciplinas. Nela, as disciplinas assumem também a função de potencializar umas às outras a partir de seu próprio conteúdo. Para isso, é necessário que elas se aproximem e dialoguem com cumplicidade sobre o problema em questão (Auth, 2014). Colocando isso no plano teórico-prático de um serviço de obesidade, podemos ilustrar uma situação na qual a equipe realiza uma discussão de caso para adequar um plano alimentar associado à prática de atividade física em um sujeito que apresenta sintomas depressivos, por exemplo. Na interdisciplinaridade, o usuário não circula entre as disciplinas. Ele está na intercessão delas.

A transdisciplinaridade não é uma forma recente das disciplinas se relacionarem. Ela remonta ao século XII, sendo ignorada na Revolução Industrial, período marcado pela fragmentação do conhecimento, e retomada a partir das descobertas da Física Quântica no final do século XIX. O conceito de transdisciplinaridade nos remete ao que está além das disciplinas, ou seja, o homem. Assim, as relações entre os homens e dos homens com o ambiente são determinantes na construção do conhecimento. A transdisciplinaridade está estruturada sobre o diálogo, para que o sujeito supere os limites das disciplinas. No entanto, ela não é negada pela transdisciplinaridade, mas é forçada a ter seus limites abertos e fechados ao mesmo tempo (Martinazzo e Cherobini, 2014).

A fim de exemplificar tal conceito em um serviço como o CRO, toma-se como exemplo uma atividade de grupo com o tema preconceito. Esse tema abrange questões que estão além do conteúdo específico das disciplinas do serviço, referentes à experimentação de violência, sofrimento, enfrentamento, entre outras, e, apesar da dificuldade em abordá-lo, não deve ser desconsiderado.

A melhor maneira para levar essas questões ao grupo é por meio do diálogo. Ele, enquanto um veículo de transformação, impõe que o profissional não estaria em uma relação verticalizada com o usuário, e sim em uma relação horizontal, em que cada parte contribui com o seu próprio saber, sua própria experiência. Dessa forma, diferentemente das relações disciplinares anteriores, o sujeito não estaria circulando entre as disciplinas e nem em uma intercessão; o sujeito está desmanchado em um contexto formado pelas relações disciplinares do serviço, assim como questões que lhe são próprias e lhe instrumentalizam para o enfrentamento do problema e entendimento de que é parte de um todo.

Essas três formas de relações disciplinares não estão hierarquizadas dentro do serviço, elas apenas possuem momentos mais ou menos adequados e de difícil delimitação. Em nossa experiência, as atividades em grupos são uma excelente oportunidade para o desenvolvimento da transdisciplinaridade. Cabe ressaltar ainda que tais formas de relações estão sujeitas à abertura que o profissional cede em sua disciplina e ao diálogo entre profissionais e profissionais-usuários.

O diálogo é uma importante ferramenta para o profissional e a base para a relação profissional/usuário, estabelecendo um bom acolhimento e vínculo. Além disso, pode-se colocar o diálogo como a coluna estruturante e método do trabalho com grupos que objetive uma autonomia.

Conceituar autonomia não é uma tarefa fácil. Toma-se de empréstimo os pressupostos de Paulo Freire que traz a autonomia como um processo histórico de decisão e de humanização construído a partir das experiências e decisões tomadas. Autonomia é a experiência da liberdade (Machado, 2015). Tal definição pode ser reforçada ainda como capacidade do sujeito de governar a si mesmo escolhendo as leis que guiam suas condutas (De Castro Pitano e Ghiggi, 2010).

Observa-se, na prática do CRO, uma relação entre a autonomia e obesidade, de tal modo que se pode dizer que ambas estão intimamente associadas. Isso acontece não só pela perda de autonomia física, mas, sobretudo, pelas limitações sociais explicitamente impostas mediante um processo de estigmatização e culpabilização.

Aproximando o conceito de autonomia às vivências com as práticas em grupos em saúde, ressalta-se a importância do facilitador no grupo, enquanto sujeito que exerce a função de possibilitar o compartilhamento de experiências de cooperação e solidariedade entre os membros. Esses momentos fazem com que o grupo seja reconhecido como um espaço privilegiado para a reflexão e ampliação das situações que reflitam a autonomia do sujeito. Esse espaço deve oportunizar a troca de saberes e reflexões que superem o intelectualismo alienante, o autoritarismo e a verticalidade da relação profissional e paciente (Freire, 2014). Se, como dito anteriormente, a autonomia é a experiência da liberdade, então o espaço do grupo deve buscar a ampliação da liberdade dos sujeitos, na medida em que fortalece suas vozes, possibilitando ressignificar conceitos e situações cotidianas.

Essas reflexões não cabem somente ao comportamento e atitudes do profissional para o usuário. Elas afetam diretamente a prática do grupo, a exemplo das escolhas dos temas propostos a serem trabalhados. Majoritariamente, as primeiras atividades a serem idealizadas para pessoas que buscam perder peso são as atividades sobre alimentação saudável e práticas de atividade físicas. Porém, se a proposta é a ampliação da liberdade para maior autonomia, por que não tratar de temas que afetam em enorme proporção a liberdade desses sujeitos? Temas como preconceito, imagem corporal, sexo, família podem e devem estar presentes nesses espaços. Observa-se, enquanto promotores do cuidado, que esses temas são uma importante maneira de instrumentalizar o sujeito para o enfrentamento de situações de estigmatização e culpabilização, sobretudo quando

a prática transformadora e promotora de autonomia está norteada por um processo de reflexão permanente por meio do diálogo.

Tais características transdisciplinares correspondem a um território favorável à ampliação do diálogo entre profissional e usuário e entre eles mesmos. Criam-se espaços onde os participantes podem se sentir mais à vontade para compartilhar suas questões e se identificar com as questões dos outros. Essa ampliação do diálogo e o reconhecimento com o outro é importante para o vínculo, que, vale ressaltar, não é apenas com o profissional, mas também com outros indivíduos que compartilham suas vivências. A mediação desse diálogo tem como objetivo potencializar o saber dos usuários em instrumentos de enfrentamento e, na medida do possível, o mediador contribuir com o conteúdo de sua disciplina e de suas vivências.

Tomar, enquanto pressupostos éticos, o desenvolvimento da liberdade e da autonomia implica já ter de antemão certo entendimento do que é um grupo. Aqui, entende-se que ele ultrapassa o simples somatório de pessoas reunidas em um determinado espaço com um objetivo específico. Esse seria um agrupamento. Para o surgimento e consolidação de um grupo, é necessário o reconhecimento e respeito às individualidades dos sujeitos e, simultaneamente, o do conjunto de pessoas como uma nova entidade com leis, regras e mecanismos próprios que nasçam a partir de então.

Tal conjunto de pessoas, ainda com suas particularidades e objetivos individuais, devem galgar por um objetivo que contemple todo o conjunto. Para isso, realizam o cumprimento de tarefas e atividades específicas a fim de construir novas formas de enfrentamento de determinado sofrimento.

Na literatura, é possível observar diferentes tipos de grupos em relação às suas características; por exemplo, grupos de suporte, socialização, realização de tarefas e autocuidado. Em comum, esses formatos de grupos buscam, independentemente de suas metodologias, a construção coletiva. Assim, Ferreira Neto e Kind (2009) reforçam a noção de grupos dispositivos, tendo como finalidade a

decomposição de conceitos hegemônicos vigentes, a fim de funcionar novos modos de expressão da subjetividade privilegiando uma dimensão coletiva.

Logo, o modelo metodológico proposto pelo coordenador das atividades é apenas mais um elemento (entre tantos) e nem sempre o mais decisivo. Entre os elementos locais, culturais, particulares e toda singularidade que cabe ao conjunto de pessoas, compete ao coordenador oportunizar um espaço de solidariedade, cooperação, respeito e reflexão para a concretude de um grupo.